

# Entendendo o processo de ensino-aprendizagem por meio das redes sociais: uma resenha sobre a obra “Redes sociais e o ensino de línguas”

Jossane Rodrigues de Oliveira\*  
Barbra R. Sabota Silva\*\*

## Resumo

Nesta resenha propomos uma apreciação geral da obra “*Redes Sociais e ensino de Línguas*” de Júlio Araújo e Vilson Leffa (2016), em que concepções fundamentais em relação ao ensino e aprendizagem de língua estrangeira ao utilizar as redes sociais são discutidas. A intenção é propiciar ao leitor uma visão panorâmica da obra a partir de seus próprios conceitos. A recomendação final é de que a obra seja amplamente lida e discutida em cenários de formação por sua relevância quanto à discussão proposta.

**Palavras-Chave:** redes sociais, língua estrangeira, linguagem.

---

## Understanding the teaching-learning process through social networks: a review of the work "Social networks and teaching of languages"

### Abstract

In this book report, we proposed a general appreciation of the book “*Social Networking and Language Teaching*” (2016) edited by Júlio Araújo and Vilson Leffa, in which the main concepts related to the process of teaching and learning a foreign language when using the social networks were discussed. The purpose was to provide the reader an overview view of the book. The final recommendation is nevertheless that let the book be widely read and debated in forming scenarios for its relevance in teacher education.

**Key-words:** social networks, foreign language, language.

---

Constituída por onze capítulos, a obra organizada por Júlio Araújo e Vilson Leffa (2016) revela a preocupação de diversos pesquisadores nacionais sobre temas fundamentais associados às redes sociais e o potencial de aprendizagem que elas representam para o cenário atual do processo de ensino-aprendizagem de línguas. Desta forma, em seus estudos, os autores abordam, sob diversos ângulos, reflexões com um propósito comum: problematizar questões a respeito do uso didático das redes sociais em situações de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras. É possível afirmar que, de um modo geral, os artigos buscam compreender como ocorre à transmissão de mensagens, informações e conhecimentos entre pessoas em um espaço virtual, e como, a partir dessa comunicação, as relações acontecem.

---

\* Professora de Inglês no Centro de Idiomas do CCSEH. E-mail: jossoliveira@live.com.

\*\* Professora da Universidade Estadual de Goiás (Campus Anápolis CSEH/UEG). E-mail: barbrasabota@gmail.com

No primeiro capítulo, Raquel Recuero coleta tuítes (mensagens postadas na rede social *Twitter*) a fim de compreender como a identidade da profissional “empregada doméstica” é constituída pelo discurso utilizado na rede. Recuero (2016) rastreia o uso da expressão “a minha empregada” na intenção de perceber como os sentidos a respeito da expressão são constituídos. Seu objetivo era mostrar como diferentes discursos existentes em nossa sociedade são reproduzidos e promover a discussão sobre como tais discursos constituem uma “violência simbólica”, ou seja, tais discursos empregam malícia e sátira relacionados à profissão, constituindo-se em um discurso ofensivo e violento. Conclui-se que, algo publicado em uma rede social pode ser usado contra o próprio indivíduo, ao ter suas mensagens distorcidas, conferindo sentidos negativos e preconceituosos, o que pode resultar em discórdias e conflitos, dificultando o convívio entre as pessoas.

No segundo capítulo, Marcelo Buzato aborda conceitos de redes: técnicas, cujo foco é a transmissão de informações a fim de checar impactos políticos e econômicos; sociais, que tendem a explicar a durabilidade de determinada ordem social partindo de regras locais de interação; e as redes monádicas, que ao contrário das outras, são heterogêneas e a substância dos atores não é exposta, nem compartilhada, muito menos é critério inerente à constituição de grupos (BUZATO, 2016, p. 40). Fica evidente no capítulo a relevância da linguagem como elo nas relações sociais, favorecendo a comunicação entre indivíduos e possibilitando a expressão de ideias. Nesse sentido, a linguagem é entendida como fundamental para todas as áreas, e não apenas para a linguística (aplicada) uma vez que é utilizada no desenvolvimento das redes *online*. Buzato explica qual dos conceitos de rede seria adequado para o estudo da internet das coisas, e ao conceituar as três variedades, ressalta que, enquanto rede técnica, ao invés de separá-las, para produzir territórios, ela une energia e comunicação, Na perspectiva de rede social, deve-se lidar tanto com a dependência de contexto diante das regras de interação, quanto com a influência de regras de interações recontextualizadas. Por fim, partindo da concepção das redes monádicas para a internet das coisas, seria cômodo ignorar as diferenças entre informação e energia, objeto e sujeito, contextualizante e contextualizado (BUZATO, 2016, p. 48).

No terceiro capítulo, Júlio Araújo usa a teoria de gêneros de Bahktin (2000) como base teórica em suas pesquisas, e a teoria do Remix (Navas, 2010), no intuito de

descrever os gêneros dos discursos, enfatizando os publicados nas redes sociais *Twitter* e *Facebook*. Ao analisar dados da pesquisa, percebe-se que, ao tornar-se consumidores das redes sociais, usuários visam maior quantidade de seguidores em publicações de redes sociais. Araújo (2016) acredita que são impostos valores cognitivos na sociedade, ou seja, o indivíduo tem o seu valor de acordo com o seu *habitat* e sua linguagem, seja esta bem desenvolvida ou não. Conclui-se que a linguagem e comunicação têm se tornado cada vez mais complexas devido a essas classificações e divisões sociais e linguísticas.

Vera Paiva, no quarto capítulo, discute como as tecnologias da Web têm evoluído, implicando em criações e mudanças de comunidades virtuais, o que possibilita o debate sobre como isso tem influenciado a qualidade das interações sociais. Paiva (2016) afirma que é possível observar nos comportamentos dos indivíduos: mutualismo, comensalismo, competição e predação. O mutualismo pode ser observado quando ambos, leitor e emissor são beneficiados, é o que ocorre quando são compartilhados convites para programações culturais, congressos, campanhas de descontos, entre outros. No comensalismo, por sua vez, o compartilhamento de informações pode gerar mais benefício para uma das partes, como quando ocorre a postagem de *links* para artigos de outras pessoas; irá depender de como o leitor interpreta a mensagem que definirá a situação. Na competição, ambos brigam por espaço, como observado em situações como a disputa entre eleitores políticos, a concorrência entre usuários em busca de *likes* e popularidade, entre outros. Finalmente, na predação ou vandalismo, os usuários oprimem uns aos outros. Exemplo disso pode ser observado no momento em que são expostas informações íntimas de pessoas, perfis falsos são feitos, todo tipo de discriminação e racismo, *cyberbullying*, entre muitos outros. Paiva destaca que o *Facebook* tem sido uma grande ferramenta na ensinagem de inglês e tem auxiliado seus usuários a se comunicar e interagir com o mundo todo, porém, não tem sido valorizada como tal.

Luiz Fernando Gomes, no quinto capítulo, discute as relações sociais e como elas se constroem autonomamente nas redes sociais. Blogs e redes em geral favorecem que tal autonomia não se restrinja ao acesso à informações, mas alcance a produção e divulgação na rede. Atualmente, indivíduos usam seus conhecimentos para filmagem, fotografia, publicação em *blogs*, e divulgações de suas produções para o mundo todo via

net. Gomes (2016) argumenta que as redes sociais têm dado um amplo alcance ao exercício intelectual de emitir e compreender opiniões, debatendo-as e posicionando-se em relação aos conteúdos. Isso pode abrir horizontes na concepção de quem educa de modo formal (ambientes educacionais) ou informal (convívio social geral). No momento em que ocorre uma relação entre pessoas em sites de redes sociais, ocorre de modo concomitante a troca de conhecimentos, construindo identidade e compatibilidade de ambos os lados. Os benefícios desta interação podem ser transferidos para situações sociais presenciais, o que é fundamental para o crescimento individual e coletivo.

No sexto capítulo, Kyria Finardi e Maria Carolina Porcino usam como uma de suas bases teóricas, a teoria socioconstrutivista de Vygotsky (1999) para relatarem sobre como o *Facebook* pode ser um instrumento facilitador da aprendizagem, principalmente no ambiente escolar. Além disso, as autoras mencionam como o site é capaz de expandir a educação, e apresentar estratégias pedagógicas para a escola. Finardi e Porcino (2016) classificam o *Facebook* como uma ferramenta de ensino de inglês como língua adicional, haja vista que pode facilitar a comunicação entre usuários da rede. No entanto, as autoras ressaltam que é necessário que os docentes estejam capacitados para trabalhar com as mídias digitais a fim de obter resultados educacionais reais entre os interagentes, o que reitera o valor da mediação para favorecer a ensinagem.

Rodrigo Aragão e Iky Dias no capítulo sete discutem sobre a emoção, a cognição e a linguagem na aprendizagem de inglês no *Facebook*. Partindo das ideias de Humberto Maturana (1998), produzem atividades com alunos de uma escola pública do ensino fundamental. Ao elaborar tais atividades, Aragão e Dias (2016) analisam as emoções dos alunos e suas mudanças ao utilizar o *Facebook*. Por fim, os autores concluem que a rede social trouxe uma dinâmica diferente para os alunos, e pode ser um aliado do professor na superação da timidez de aprendizes, o que pode inibir a participação em aulas de línguas por medo de exposição ou de cometer erros.

No capítulo seguinte, Janaina Weissheimer e Diêgo Leandro caracterizam o *Facebook* como um instrumento pedagógico para colaboração no ensino de uma segunda língua. Ao produzirem suas pesquisas, os autores analisam um exemplo de aprendizado híbrido com alunos de licenciatura de Letras-Inglês, e utilizam gráficos formados no aplicativo *Speech Graphs*, de modo a demonstrar os diferentes movimentos de interação entre professor e alunos, quando são observados momentos

em que o professor foi o sujeito ativo da relação, e em outros casos, atuou passivamente entre os educandos, apenas instigando-os a debaterem e interagirem. As análises indicam que os aprendizes possuem maior quantidade de expressão quando os *hubs* (os nós) e os *clusters* (interação paralela) demonstrarem intensidade enquanto estiverem sob a liderança dos aprendizes, e não do professor. Isso implica em perceber que o trabalho didático com as redes pode desenvolver a autonomia de aprendizagem e coletividade de interação entre os estudantes, sem limitações no uso das redes.

Vilson Leffa, no capítulo nove, recorre a como a língua é ensinada tradicionalmente em ambiente escolar para contrapor ao que ocorre quando ela é trabalhada nas redes sociais. Leffa (2016) argumenta que quando nos voltamos para o ensino de uma segunda língua esquecemos os motivos pelos quais adquirimos a primeira língua e nos concentramos no sistema ao invés do uso (LEFFA, 2016, p. 139). O autor explica que, como o aluno não tem como falar a língua estrangeira em seu cotidiano, a interação é uma ilusão, haja vista que em aulas tradicionais não falamos a língua, e sim sobre a língua. Na segunda parte do capítulo, o autor se dedica a mostrar como a língua pode ser trabalhada como objeto de estudo e como meio de diálogo entre integrantes da rede. Conclui-se que não são as redes sociais que melhoram o ensino de línguas, mas o modo como a usamos.

No décimo capítulo, Rafael Vetromille-Castro e Kathleen Simões Ferreira retomam a discussão iniciada por Prensky (2001) sobre o *nativo digital* e o *imigrante digital* a partir da relação que o autor faz entre a geração nascida na era da internet e os nascidos antes disso e que, como tal, têm de se adaptar ao uso da *www*. Os autores aplicaram questionários eletrônicos para professores e alunos de 5 cursos de licenciatura em Letras, em busca de dados para discussão sobre o CALL, um conceito fundamental na área de aprendizagem de línguas mediada pelo computador. Em específico, interessava aos autores discutir como as redes sociais têm sido exploradas para o ensino e aprendizagem de línguas de modo geral. Ao concluir, autores trouxeram a figura mais recente dos cursos que foram questionados em relação ao uso de redes sociais na área de formação de professores de línguas, no que tange às Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) na educação.

Fechando a obra, Fabiana Komesu e Raquel Wohnrath Arroyo discutem sobre a produção de textos por licenciados. As autoras buscam entender como os *links* são

utilizados no processo de produção e publicação de textos multimodais dos “novos” letramentos no *Facebook*. As autoras analisam a natureza dos *links* e como eles são movimentados nessa atividade pela rede social, ponderando sobre a relação entre os potenciais de ferramentas, a universidade e o universitário, no que se refere ao papel de *heterogeneidade* e discursos dos textos.

Concluindo, pode-se afirmar que esta obra traz importantes contribuições relacionadas ao uso de redes sociais no processo de ensinagem de línguas. Através de produções e estudos dos autores, pôde-se expandir os conhecimentos e repensar sobre novas perspectivas de linguagem e interação entre as pessoas. Sendo assim, este livro é aconselhável para todos os que se interessam pelo uso das redes sociais em ambientes educacionais, formais ou informais, no que tange ao aprimoramento das práticas educativas e no uso que fazemos da linguagem como prática social.

#### **Referência**

ARAÚJO, Júlio; LEFFA, Vilson. *Redes Sociais e Ensino de Línguas: o que temos de aprender?* - 1. ed.- São Paulo: Parábola Editorial, 2016.